

ENTRE PALAVRAS E IMAGENS: VIRGINIA WOOLF E A MAGIA MODERNISTA NO CHARLESTON BULLETIN

Guilherme Magri da Rocha*

Diana Navas**

RESUMO

Este artigo discute a convergência entre modernismo literário e literatura infantil, focando no *Charleston Bulletin*, criado pelos adolescentes Quentin e Julian Bell, em colaboração com sua tia, Virginia Woolf. Analisando essa publicação, o estudo busca entender como a colaboração intergeracional resultou em um produto literário único, misturando texto e imagem de forma inovadora. A interseção entre palavra e imagem no *Bulletin* reflete práticas modernistas de experimentação formal e ruptura com convenções tradicionais. A pesquisa aprofunda a compreensão dessas interseções, explorando a contribuição de Woolf e destacando a produção literária como um processo coletivo e dinâmico, envolvendo várias gerações em um diálogo criativo.

Palavras-chave: Virginia Woolf, modernismo literário, literatura infantil, colaboração intergeracional,

* Doutor. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
orcid <https://orcid.org/0000-0002-2091-9116>
e-mail - guilherme.magri@unesp.br

** Doutora. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
orcid <https://orcid.org/0000-0002-4516-5832>
e-mail - dnavas@pucsp.br

BETWEEN WORDS AND IMAGES: VIRGINIA WOOLF AND THE MODERNIST MAGIC IN THE CHARLESTON BULLETIN

ABSTRACT:

This article discusses the convergence between literary modernism and children's literature, focusing on the *Charleston Bulletin*, created by Quentin and Julian Bell in collaboration with their aunt, Virginia Woolf. By analyzing this publication, the study aims to understand how intergenerational collaboration resulted in a unique literary product that innovatively blends text and image. The intersection of word and image in the *Bulletin* reflects modernist practices of formal experimentation and the breaking of traditional conventions. The research deepens the understanding of these intersections, exploring Woolf's contribution and highlighting literary production as a collective and dynamic process, involving multiple generations in a creative dialogue.

Keywords: Virginia Woolf, literary modernism, children's literature, intergenerational collaboration.

ENTRE PALABRAS E IMÁGENES: VIRGINIA WOOLF Y LA MAGIA MODERNISTA EN EL CHARLESTON BULLETIN

RESUMEN:

Este artículo discute la convergencia entre el modernismo literario y la literatura infantil, centrándose en el *Charleston Bulletin*, creado por Quentin y Julian Bell en colaboración con su tía, Virginia Woolf. Al analizar esta publicación, el estudio tiene como objetivo comprender cómo la colaboración intergeneracional dio como resultado un producto literario único que combina de manera innovadora texto e imagen. La intersección de palabra e imagen en el *Bulletin* refleja las prácticas modernistas de experimentación formal y la ruptura con convenciones tradicionales. La investigación profundiza en la comprensión de estas intersecciones, explorando la contribución de Woolf y destacando la producción literaria como un proceso colectivo y dinámico que involucra a múltiples generaciones en un diálogo creativo.

Palabras clave: Virginia Woolf, modernismo literario, literatura infantil, colaboración intergeneracional,

1. INTRODUÇÃO

Editores da *Norton Anthology of Children's Literature* (2005), como Jack Zipes e Lissa Paul, destacam que a literatura infantil frequentemente não é considerada “literatura de verdade”. Essa visão, infelizmente, ainda persiste, subestimando a profundidade e o valor artístico das obras destinadas ao público infantil. No entanto, nos últimos anos, essa perspectiva tem sido desafiada por acadêmicos e críticos literários que reconhecem a complexidade e a importância dessas obras. A crescente inclusão de livros infantis em currículos escolares e universitários reforça a importância de reconhecer e valorizar essas obras como uma parte integral do cânone literário. No contexto anglo-americano, autores como Philip Pullman e J.K. Rowling têm sido celebrados por suas contribuições ao gênero, demonstrando que a literatura infantil pode ser tão rica e impactante quanto qualquer outra forma de literatura.

Ainda assim, os estudos de literatura infantil e modernismo literário apresentam uma relação historicamente negligenciada, conforme evidenciado pela escassa discussão encontrada em bibliotecas e bases de dados online. A exclusão da literatura infantil do cânone literário mais amplo e a ênfase em sua categorização por gênero, em vez de cronologia, contribuíram para essa lacuna. Essa separação se reflete na organização dos estudos sobre literatura infantil, que priorizam gêneros como contos de fadas e fábulas, em vez de contextualizações históricas, dificultando a integração com movimentos literários como o modernismo (Westman, 2008).

Esta prática se originou com bibliotecários, professores e editores no século XX. Esses profissionais classificavam os livros infantis de acordo com a idade e habilidade de leitura dos leitores, resultando em distinções entre livros ilustrados, leituras para o ensino fundamental e capítulos de livros. Isso se manteve na academia, como demonstrado pela organização da *Norton Anthology of Children's Literature*. Essa abordagem torna desafiador construir uma narrativa histórica da literatura infantil dentro dos marcos temporais do modernismo, que abrange aproximadamente de 1890 a 1950.

Apesar dessa divisão, alguns estudos começaram a preencher essa lacuna. Desses, destacamos pesquisadoras como Juliet Dusinberre, com seu trabalho *Alice to the Lighthouse* (1987), e Kimberly Reynolds, com *Radical Children's Literature* (2007), que examinaram a interseção entre literatura infantil e modernismo. Katherine Chandler e Susan Anderson também exploraram autores clássicos de literatura infantil através de uma lente modernista, reavaliando suas contribuições e alinhando-as com os princípios estéticos e temáticos do modernismo. Essas análises, no entanto, muitas vezes permanecem isoladas dentro dos campos da literatura infantil ou do modernismo, sem criar uma ponte efetiva entre os dois.

Entretanto, tópicos sobre qualquer aspecto da literatura infantil durante o período modernista podem incluir: a literatura infantil do período modernista; a influência da literatura infantil no modernismo; ressonâncias formais entre a literatura infantil e a literatura modernista para adultos; autores ou ilustradores modernistas que escrevem para um público duplo ou fazem a chamada *cross-writing*; o sujeito infantil em textos modernistas; a literatura infantil e a nação moderna; a influência da arte modernista na literatura infantil; e a tecnologia e a produção do livro infantil modernista. Isso demonstra a amplitude e a profundidade das interseções entre a literatura infantil e o movimento modernista.

A lista de temas de pesquisa sugere que a literatura infantil não apenas coexistiu com o modernismo, mas também influenciou e foi influenciada por ele de várias maneiras. Dessa forma, é evidente que a literatura infantil desempenhou um papel significativo no panorama cultural e literário do modernismo, merecendo maior atenção e estudo dentro desse contexto histórico. Discutamos, então, alguns autores e ilustradores que povoam este contexto.

2. A CONVERGÊNCIA ENTRE MODERNISMO LITERÁRIO E LITERATURA INFANTIL

No contexto anglo-americano de ensino e pesquisa, a inclusão de textos infantis modernistas em cursos de modernismo e vice-versa pode enriquecer nossa compreensão de ambos os campos. Obras como *Little Black Sambo* (1899), de Helen Bannerman, e *Goodnight Moon* (1947), de Margaret Wise Brown, ao serem estudadas ao lado de textos modernistas dito adultos, ofereceriam uma visão mais abrangente do período. O desafio reside em identificar e escolher os textos infantis modernistas que melhor ilustram essa convergência, destacando a importância de repensar nossas abordagens pedagógicas e críticas para incluir a literatura infantil nas narrativas literárias do modernismo.

Neste âmbito, autores e ilustradores que fizeram contribuições significativas para a literatura infantil durante o período modernista europeu e americano incluem uma gama diversificada de figuras literárias e artísticas, cada uma trazendo sua própria abordagem única ao gênero. Langston Hughes, por exemplo, além de ser um poeta influente do *Harlem Renaissance*, escreveu histórias infantis que abordavam temas de identidade e cultura afro-americana. H.D. (Hilda Doolittle), conhecida por sua poesia imagista, também explorou a literatura infantil, infundindo seu texto com uma sensibilidade lírica e imagética. Por sua vez, Arna Bontemps, contemporâneo de Hughes, também escreveu para crianças. Ademais, Winsor McCay, criador do pioneiro quadrinho *Little Nemo in Slumberland*, trouxe um estilo visual revolucionário para a literatura infantil, influenciando gerações de ilustradores.

Já L. Frank Baum, criador de *O Mágico de Oz*, introduziu elementos de fantasia que se tornaram pilares da literatura infantil. P.L. Travers, com *Mary Poppins*, combinou fantasia com uma sensibilidade modernista, abordando questões sociais e culturais por meio de suas narrativas encantadoras. Virginia Lee Burton e Wanda Gág, por meio de suas ilustrações e histórias, trouxeram um toque artístico e inovador para os livros infantis, influenciando o design e a narrativa visual. Por outro lado, Ludwig Bemelmans, conhecido por *Madeline*, combinou narrativas encantadoras com ilustrações vibrantes que continuam a cativar jovens leitores. Arthur Rackham, Kay Nielsen, Edward Dulac e Howard Pyle são ilustradores cujas contribuições visuais definiram e enriqueceram a literatura infantil, trazendo elementos artísticos que complementaram e elevaram os textos narrativos.

Não podemos deixar de mencionar Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas*, cuja obra transcende eras e continua a encantar leitores de todas as idades e é um exemplo precoce, mas vital, da interseção entre modernismo e literatura infantil. Entra neste *hall* de escritores Virginia Woolf, famosa por seu trabalho inovador na literatura modernista, a qual fez incursões na literatura infantil com contos como *The Widow and the Parrot*, exemplo de seu estilo narrativo e sensibilidade estética. James Joyce, outro ícone do modernismo, escreveu *The Cat and the Devil*, um conto para crianças que revela

sua habilidade em manipular linguagem e narrativa de forma acessível para leitores jovens. Gertrude Stein, com seu estilo experimental, produziu *The World is Round*, um livro infantil que desafia convenções narrativas e estilísticas.

Essa lista de autores e ilustradores mostra-nos a amplitude e a diversidade da literatura infantil durante o período modernista, evidenciando como figuras importantes de diferentes áreas literárias e artísticas contribuíram significativamente para esse gênero. A presença de nomes como Virginia Woolf, James Joyce e Gertrude Stein demonstra que a literatura infantil não era apenas um campo à parte, mas um espaço de experimentação e inovação que dialogava diretamente com as correntes modernistas. Além disso, a inclusão de ilustradores como Arthur Rackham e Winsor McCay sublinha a importância da arte visual na criação de obras infantis, tornando-as ricas tanto em conteúdo quanto em estética. Esses nomes revelam que a literatura infantil modernista foi uma área de produção cultural significativa, influenciando e sendo influenciada por movimentos artísticos e literários mais amplos e subvertendo a ideia de que essa literatura é menos complexa ou significativa que a literatura adulta. Neste texto, trabalharemos com parte da produção de Virginia Woolf.

3. ALCANÇANDO DIVERSAS GERAÇÕES: O CASO DE VIRGINIA WOOLF

Virginia Woolf não é frequentemente associada à literatura infantil, mas suas incursões nesse campo, embora menos conhecidas, são igualmente significativas. Obras como *The Widow and the Parrot* e *Nurse Lugton's Curtain* mostram uma faceta distinta do envolvimento de Woolf com o público jovem, frequentemente através de colaborações com seus sobrinhos, Quentin e Julian Bell. Inicialmente criadas para circulação privada dentro da família, essas histórias agora transformadas em livros ilustrados preservam a intimidade do contexto original e abrem uma janela para que um público mais amplo aprecie a interação criativa de Woolf com as crianças em sua vida.

O que descobrimos em outra pesquisa (2024) foi que a presença de Woolf na literatura e na cultura infantil não se limita a textos escritos por ela, mas inclui, também, um de seus romances, que hoje pode ser considerado *crossover*: *Flush*, uma biografia fictícia do *cocker spaniel* de Elizabeth Barrett Browning. Notamos que, embora o texto não tenha sido originalmente destinado ao público infantil, ela gradualmente encontrou um lugar nas prateleiras de literatura infantojuvenil. Em 2010, Lucy Smith compilou *A Pack of Dogs: An Anthology*, uma coleção ilustrada por Christopher Brown, que inclui trechos de obras de Conan Doyle, J.M. Coetzee e de *Flush*. Além disso, edições recentes ilustradas por artistas como Katyuli Lloyd e Iratxe López de Munáin contribuem para essa tendência, transformando *Flush* em uma obra de leitura cruzada, acessível tanto para adultos quanto para jovens leitores.

Além de suas próprias criações, Virginia Woolf também se torna personagem de obras infantojuvenis contemporâneas. Kyo Maclear, em *Virginia Wolf*, reimagina Woolf como uma figura lobisomem, abordando temas de saúde mental de forma acessível para crianças. Através das ilustrações de Isabelle Arsenault, o livro cria uma atmosfera de conto de fadas que desafia as percepções tradicionais. A narrativa foca na tentativa de Vanessa, irmã de Virginia, em elevar o ânimo de Virginia, transformando um ambiente sombrio em um mundo de imaginação vibrante. A vida de Woolf também é explorada em

biografias ilustradas, como *Virginia Woolf: An Illustrated Biography*, de Zena Alkayat e Nina Cosford, e *Virginia Woolf*, de Michèle Gazier e Bernard Ciccolini. Essas obras exemplificam o interesse pela história de vida de Woolf, utilizando metodologias narrativas diversas para capturar a essência multifacetada de sua personalidade e contribuições literárias.

A diversidade de obras que envolvem Virginia Woolf na literatura e na cultura infantil evidencia a capacidade de seus escritos e de sua figura histórica em transcender as barreiras tradicionais de gênero e público. Apesar de ser conhecida principalmente por suas obras modernistas voltadas para adultos, a influência de Woolf se estende a leitores mais jovens por meio de adaptações criativas e biografias ilustradas. Isso demonstra que suas ideias e seu estilo literário possuem uma versatilidade notável, capaz de ser reinterpretada e apreciada por diferentes faixas etárias, mantendo a relevância de seus temas e a profundidade de sua escrita.

Além disso, a interação entre Virginia Woolf e a literatura infantil também reflete uma tendência mais ampla de leitura cruzada, na qual obras originalmente destinadas a adultos são reinterpretadas para públicos mais jovens. Essa prática não apenas democratiza a literatura, tornando-a acessível a um público mais amplo, mas também demonstra a atemporalidade e universalidade dos temas explorados por Woolf, sublinhando sua relevância contínua e o impacto duradouro de seu legado literário. Nesse estudo, nosso foco será o suplemento *Charleston*.

4. O SUPLEMENTO CHARLESTON COMO PRODUTO INTERGERACIONAL

O suplemento *Charleston* foi um jornal familiar criado pelos irmãos Julian e Quentin Bell, filhos de Vanessa e Clive Bell. Iniciado em 1923, quando Julian tinha 15 anos e Quentin 13, o *Charleston Bulletin* era uma empreitada criativa destinada a documentar e satirizar a vida cotidiana da família Bell e de seus amigos próximos, muitos dos quais eram figuras proeminentes do grupo Bloomsbury. Quentin Bell, que liderou o projeto, produziu a maioria das ilustrações e textos, enquanto Julian contribuía esporadicamente. Este esforço colaborativo dentro do ambiente doméstico proporcionava uma plataforma de expressão criativa que envolvia diversos membros da família, incluindo sua tia, Virginia Woolf.

A escritora participou ativamente da criação dos números do suplemento. Sua contribuição acrescentou um nível de sofisticação literária e humor mordaz ao projeto. Woolf escrevia com uma leveza e espontaneidade que contrastavam com suas obras mais sérias destinadas ao público adulto. Entre suas colaborações, destaca-se o já mencionado *The Widow and the Parrot*, um conto transformado em livro ilustrado que demonstra sua habilidade em adaptar seu estilo narrativo para um contexto mais lúdico e familiar. Esta colaboração não apenas fortaleceu os laços familiares, mas também permitiu que Woolf explorasse aspectos mais leves e humorísticos de sua escrita, revelando uma faceta diferente de sua personalidade literária. Os suplementos, produzidos entre 1923 e 1927, coincidiram com um período altamente produtivo tanto na vida profissional quanto pessoal de Woolf. Durante esses anos, ela escreveu obras significativas como *Mrs. Dalloway* e *To the Lighthouse*, além de manter atividades jornalísticas. As edições do suplemento Charleston eram caracterizadas por uma mistura de reporta-

gens fictícias, caricaturas e anedotas humorísticas sobre a vida em Charleston e suas figuras residentes, frequentemente abordando suas peculiaridades de maneira jocosa e satírica.

A publicação dos suplementos do *Charleston Bulletin* pela British Library em 2013 tornou esse aspecto íntimo e criativo da vida da família Bell acessível a um público mais amplo. Com um design cuidadoso que preserva as ilustrações originais e o design das edições manuscritas, o livro oferece uma visão única sobre a dinâmica familiar e a interação criativa no círculo de Bloomsbury. Esta coleção não apenas celebra a engenhosidade e o humor de Woolf e seus sobrinhos, mas também destaca a importância de reconhecer e valorizar as formas de expressão literária e artística que surgem em contextos pessoais e familiares. Ao fazer isso, contribui para uma compreensão mais ampla e rica da obra de Virginia Woolf e da história cultural do modernismo, demonstrando como as relações e colaborações familiares podem influenciar profundamente a produção artística e literária.

Essas relações e colaborações familiares são chamadas por Victoria Ford Smith (2017) de colaborações intergeracionais, que ela define como parcerias criativas e produtivas entre adultos e crianças na criação de obras literárias e artefatos culturais. Em seu texto (2017), a pesquisadora explora como essas colaborações desafiam as noções tradicionais de autoria ao incluir crianças como participantes ativas e não apenas como receptoras passivas, no processo literário. Essa autoria colaborativa envolve crianças contribuindo como coautoras, ilustradoras, críticas e até mesmo editoras, desempenhando um papel significativo na elaboração e produção de literatura.

Smith enfatiza que essas colaborações não se limitam ao produto literário final, mas inclui o próprio processo criativo. Ao examinar exemplos históricos e estudos de caso específicos, ela mostra como as contribuições imaginativas das crianças e suas interações com os adultos resultaram em um intercâmbio dinâmico que enriqueceu a literatura da época. Essa perspectiva destaca a agência das crianças e sua influência no panorama cultural e literário dos séculos XIX e início do XX. Além disso, a definição de Smith inclui as implicações sociais e culturais mais amplas dessas colaborações. A pesquisadora argumenta que elas refletem e reforçam um reconhecimento das capacidades e criatividade das crianças. Esse reconhecimento é evidente na forma como os papéis dos pequenos no processo criativo foram documentados e valorizados, reconfigurando, assim, a compreensão da infância e da agência em contextos literários e culturais.

No geral, o trabalho de Smith (2017) revela que as colaborações intergeracionais foram fundamentais para a criação de um corpo de literatura infantil que era tanto inovador quanto reflexo de um diálogo complexo entre as gerações. Essa abordagem não só expande o conceito de autoria, mas também destaca a importância de ver as crianças como contribuidoras significativas para a produção cultural e literária. O caso de Virginia Woolf e do suplemento *Charleston* é desafiador. Embora os textos tenham sido elaborados com crianças, sua publicação recente não é direcionada a elas. Na verdade, trata-se de um produto de uma biblioteca destinado a pesquisadores e interessados na obra de Virginia Woolf. Esse fenômeno ressalta uma problemática apontada por Smith (2007), para quem as colaborações intergeracionais frequentemente têm suas contribuições infantis apagadas ou minimizadas quando os textos são recontextualizados para audiências adultas e acadêmicas. Isso gera uma disjunção entre o processo criativo original e a forma como as obras são posteriormente percebidas e valorizadas.

Por um lado, a publicação dos suplementos *Charleston* pode ser vista como uma forma de preservar e estudar a dinâmica familiar e as interações criativas que ocorreram no círculo íntimo de Woolf. Por outro, essa preservação tem o custo de recontextualizar as obras para um público que talvez não aprecie plenamente o papel significativo das crianças na coautoria desses textos. A crítica de Smith (2017) destaca que, muitas vezes, a história literária falha em reconhecer a agência e a contribuição ativa das crianças, transformando essas colaborações em meras curiosidades históricas em vez de reconhecê-las como parte integral do processo criativo. Com a finalidade de estudá-las, nos ateremos ao texto “A life of Vanessa Bell”, que trata de momentos da pintora enquanto morava na casa Charleston.

5. ENTRE LETRAS E TRAÇOS

Charleston, uma residência em Firle, East Sussex, foi ambiente estimulante que fomentou a produção de obras significativas, refletindo a sinergia entre seus ilustres habitantes. A partir de agora, retomaremos a história de Charleston e de Vanessa Bell e discutiremos como a ilustração em livros infantis, exemplificada na colaboração entre Virginia Woolf e Quentin Bell em “A life of Mrs. Bell”, desempenha um papel crucial ao complementar o texto e enriquecer a experiência de leitura das crianças. Essa prática, conhecida como iconotexto, facilita o desenvolvimento cognitivo e emocional do leitor. Por fim, apresentaremos como a estética modernista, por sua vez, com suas inovações estilísticas e técnicas narrativas fragmentadas, traz profundidade e sofisticação ao suplemento *Charleston*.

5.1 Charleston: um refúgio criativo

Há duas questões que não devemos perder de vista quando analisamos o suplemento *Charleston*: o espaço e seus habitantes. O espaço, a residência Charleston, desempenha um papel fundamental, pois foi o cenário onde a criatividade e a colaboração floresceram entre os membros da família e amigos íntimos. Os habitantes, incluindo figuras notáveis como Virginia Woolf, Vanessa Bell e outros membros do grupo Bloomsbury, foram os protagonistas dessas interações, contribuindo significativamente para a riqueza cultural e artística que emergiu desse ambiente singular.

Charleston é uma casa de campo situada em Firle, East Sussex. Adquirida em 1916 por Vanessa e Duncan Grant, a casa rapidamente se transformou em um centro de atividade artística e intelectual. Durante a Primeira Guerra Mundial, Charleston ofereceu um refúgio para artistas e escritores, permitindo que eles continuassem suas obras em um ambiente de tranquilidade e inspiração. A casa não era apenas um local de residência, mas também um espaço de experimentação artística, onde as paredes eram decoradas com murais e cada quarto refletia o estilo e a visão dos seus habitantes. Hoje, Charleston é um museu que celebra o legado do Grupo Bloomsbury e a vida criativa que ali floresceu.

Tal grupo foi um coletivo de escritores, intelectuais, filósofos e artistas que se reuniam no início do século XX em Londres e incluía figuras proeminentes como Virginia Woolf, John Maynard Keynes, E.M. Forster, Lytton Strachey e, claro, Vanessa Bell e Duncan Grant. Conhecidos por suas ideias progressistas sobre arte, literatura, política e sexualidade, os membros do grupo eram inovadores que buscavam romper com as convenções vitorianas. A colaboração e o apoio mútuo entre eles foram

fundamentais para o desenvolvimento das suas obras, resultando em contribuições significativas para a cultura e a sociedade da época. Charleston, com sua atmosfera aberta e estimulante, foi um dos principais locais onde essas ideias eram discutidas e desenvolvidas.

Por sua vez, Vanessa Bell, uma das figuras centrais do Bloomsbury, foi uma pintora e designer de interiores influente. Nascida em 1879, ela era a irmã mais velha de Virginia Woolf e desempenhou um papel crucial na dinamização da vida cultural e artística de Charleston. Sua obra é caracterizada pelo uso ousado de cor e forma, e ela foi uma das pioneiras do modernismo na pintura britânica. Além de suas contribuições artísticas, Bell era uma figura materna e uma anfitriã generosa, criando um ambiente acolhedor e inspirador em Charleston. Seu relacionamento com Duncan Grant e sua colaboração artística resultaram em algumas das obras mais inovadoras do período, incluindo os murais e projetos de design que adornam Charleston até hoje.

“A life of Vanessa Bell” é o número natalino do *Charleston Bulletin*. Trata-se de uma história publicada pela Hogarth Press, escrita e ditada por Virginia Woolf, com ilustrações e ortografia de Quentin Bell. Seu conteúdo é dividido entre 20 cenas. Cada uma contém um breve acontecimento ou descrição e, com uma exceção, uma ilustração, que tende a ser no meio da página. Como se trata de um conjunto de vinhetas, é difícil resumir a história numa fábula, por isso, nos limitaremos a breves descrições.

Na primeira cena, Vanessa confunde contas vermelhas com mingau e as come, enquanto a governanta chega tarde demais. Na segunda cena, Vanessa é vista montada em seu pônei; Topsy, subindo os degraus do Albert Memorial para examinar a condição da estátua do Príncipe Albert. A terceira cena relata sua única experiência de pesca, na qual ela pega 150 peixes, que precisaram ser mortos com uma vassoura por Paddy. Após isso, ela nunca mais pescou. Na quarta cena, motivada por provocações, Vanessa escala um arbusto espinhoso por seis horas em busca de seu guarda-chuva perdido, sendo resgatada pelo professor Wolstenholme com uma escada.

Por sua vez, a quinta cena aborda a perda de um pacote de roupas caras de damas de honra, deixado em um banheiro de terceira classe, causando desespero no noivo. Na sexta cena, durante um casamento, uma viúva é retirada do local por seu traje ser considerado agourento para a noiva. Na sétima cena, no dia do casamento de Vanessa, o motorista se perde e ela chega uma hora atrasada, mas ainda consegue pegar o trem para a lua de mel. A oitava sugere uma cena que é melhor imaginada do que descrita, mencionando apenas um padrão grego em laranja. A nona cena descreve uma tentativa frustrada da autora Mrs. Humphry Ward de convidar Vanessa para tomar chá. Em outro incidente, um inseto entra no ouvido de Vanessa, e Austen Chamberlain o remove com um gancho.

Na décima cena, Vanessa tenta flutuar um anel em um poço turco sem sucesso. Na décima primeira cena, Vanessa tenta ser tática ao informar Sylvia sobre a rejeição de suas pinturas. Na décima segunda cena, ela e Toby pregam uma peça em Madame No-non, puxando a cadeira quando ela vai se sentar. Na décima terceira cena, Vanessa se engana achando que vê um bando de aves quando são apenas um tordo e dois pardais. A décima quarta cena trata de uma conversa com um oficial de alfândega, na qual Vanessa menciona ter perdido quase tudo, exceto suas porcelanas.

Já na décima quinta cena, Vanessa se confunde com o significado de um bilhete de retorno, achando que tinha que voltar pelo mesmo caminho, não no mesmo dia, e acaba pagando duas vezes. Na décima sexta, Vanessa confunde o horário e acaba pegando um trem errado. Na décima sétima, ela monta um burro para procurar seu guarda-chuva perdido. Na décima oitava cena, Duncan e Vanessa debatem sobre o tempo perdido devido a um relógio fora de hora. Na décima nona, Vanessa se queixa de perder dez pares de óculos em uma semana, que são encontrados emaranhados em seu cabelo. Finalmente, na vigésima cena, Vanessa escreve um aviso em um prato de ovos, que permanece intocado por 20 anos até ser tocado recentemente, concluindo as aventuras de Vanessa com votos de boas festas.

Feito esse breve resumo, discutamos a colaboração de Woolf e Bell na criação deste iconotexto.

5.2 O iconotexto: produto da colaboração intergeracional

A ilustração nos livros infantis desempenha um papel crucial, não apenas como um complemento ao texto, mas como um componente essencial da experiência de leitura. Esse papel multifacetado pode ser compreendido através de várias dimensões, que vão desde a contribuição para o desenvolvimento cognitivo até a facilitação da alfabetização visual e a ampliação do engajamento emocional das crianças. Nikolajeva e Scott (2006) afirmam que a ilustração em livros infantis é fundamental para o desenvolvimento cognitivo das crianças, uma vez que as imagens ajudam a melhorar a compreensão e a retenção da história, facilitando a conexão entre texto e imagem. Esse processo cognitivo é essencial, pois crianças pequenas muitas vezes dependem mais de pistas visuais do que textuais para entender narrativas complexas. As ilustrações ajudam a preencher as lacunas deixadas pelo texto, tornando a história mais acessível e compreensível.

As ilustrações também têm o poder de cativar a imaginação das crianças e criar uma conexão emocional com a história. Segundo Nodelman (1988), a arte nos livros infantis serve para evocar emoções, construir atmosferas e definir o tom da narrativa. As cores, formas e estilos artísticos escolhidos pelo ilustrador desempenham um papel crucial na maneira como as crianças percebem e se envolvem com a história. Um estudo de Arizpe e Styles (2003) demonstra que as crianças frequentemente se lembram mais das ilustrações do que do texto, destacando a importância da componente visual na criação de memórias duradouras.

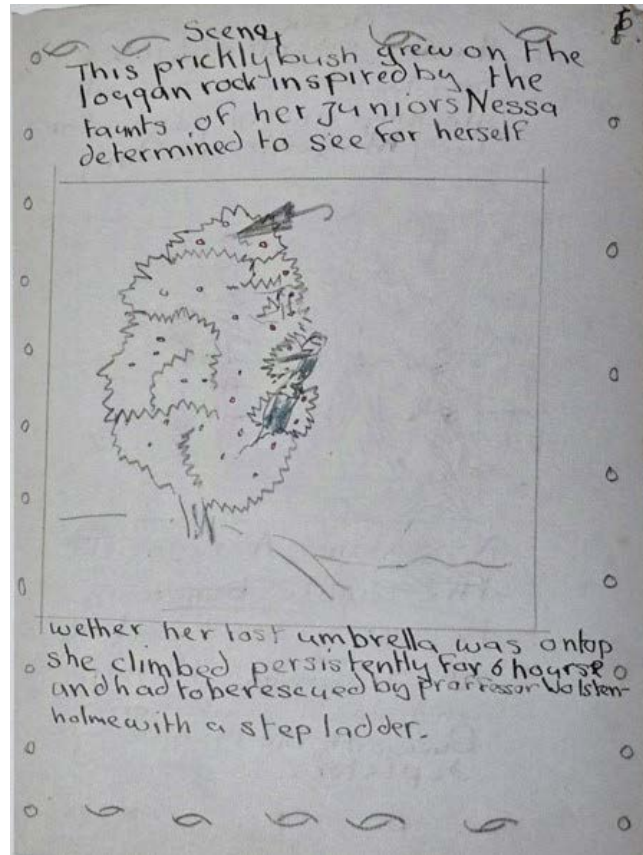
De acordo com Lewis (2001), os livros ilustrados introduzem as crianças a diferentes culturas, modos de vida e perspectivas, promovendo a empatia e a compreensão intercultural. Ilustradores como Maurice Sendak e Shaun Tan são conhecidos por suas representações ricas e diversas, que ajudam as crianças a explorar e entender realidades além de suas próprias experiências. Por isso, podemos dizer que as ilustrações também são veículos poderosos para transmitir valores culturais e sociais.

Em muitos livros infantis contemporâneos, as ilustrações são projetadas para interagir com o leitor, promovendo uma experiência de leitura ativa. Segundo Sipe (1998), a interação entre texto e imagem pode criar uma narrativa dialogada, em que as ilustrações não apenas complementam, mas também contestam ou expandem a narrativa textual. Essa interatividade pode encorajar as crianças a parti-

cipar ativamente da construção do significado, tornando a leitura uma experiência mais dinâmica e envolvente.

No que se refere a “A life of Vanessa Bell”, com exceção da oitava cena, na qual vemos Vanessa carregando um penico por um corredor, as demais tendem a representar o que é descrito no texto verbal. Dessa forma, o iconotexto é construído pela imitação. Isso não quer dizer que não haja uma interatividade entre texto e imagem. Vejamos, por exemplo, o iconotexto da cena quatro.

Figura 1: Cena 4



Fonte: WOOLF, V.; BELL, Q. 2013.

A imagem extraída do suplemento *Charleston* é intitulada “Scene 4” e contém uma ilustração que acompanha o texto escrito. O texto, não paginado, afirma: “Este arbusto espinhoso cresceu na Logan Rock, inspirado pelos insultos de seus colegas mais jovens. Nessa, determinada a ver por si mesma se seu guarda-chuva perdido estava no topo, escalou persistentemente por 6 horas e teve que ser resgatada pelo professor Wolstenholme com uma escada”. A escrita é feita à mão, por Quentin Bell, com uma caligrafia infantil.

Abaixo do texto, há uma ilustração feita a lápis e parcialmente colorida. O desenho mostra um grande arbusto espinhoso crescendo sobre uma rocha. O arbusto é volumoso, com galhos e folhas pontiagudas desenhados de forma caótica, transmitindo uma sensação de desordem. Entre os galhos e folhas do

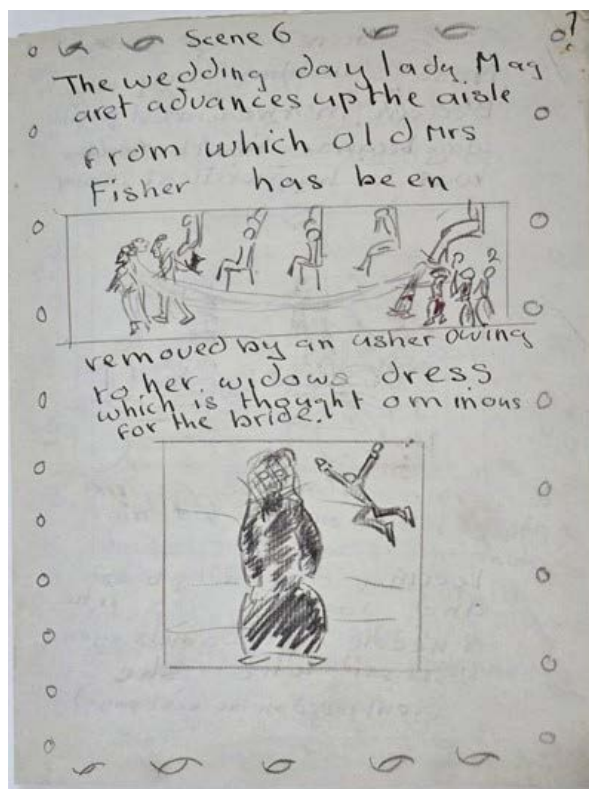
arbusto, é possível ver o guarda-chuva perdido de Nessa, preso no topo. O guarda-chuva é desenhado de forma simples, mas está claramente visível, destacando-se entre as folhas.

A figura de Nessa está desenhada ao lado do arbusto, em uma posição que indica sua tentativa de escalada. Ela é representada como uma pequena figura, com braços e pernas esticados, enfatizando seu esforço e determinação. A desproporção entre Nessa e o arbusto torna o cenário ainda mais absurdo, sugerindo que a escalada não deveria realmente levar seis horas. A simplicidade do traço, com contornos básicos e uma coloração mínima, contribui para a atmosfera lúdica da imagem.

Ao comparar a ilustração com o texto, nota-se que ambos se complementam para criar uma narrativa de humor *nonsense*. O texto descreve uma situação absurda – a escalada persistente de Nessa por seis horas e seu resgate por um professor com uma escada – e a ilustração visualiza essa absurdidade com a representação exagerada do arbusto espinhoso e a pequena figura de Nessa. A desproporção e os detalhes caóticos do desenho reforçam o tom cômico e irreal do texto, enquanto a simplicidade da ilustração mantém uma qualidade infantil e lúdica, evocando o estilo de Edward Lear e Lewis Carroll, conhecidos por suas obras repletas de *nonsense* e humor visual. Essa integração entre texto e imagem é característica do estilo modernista, que frequentemente utiliza a justaposição de elementos para desafiar as expectativas do leitor e criar novas formas de significado.

Observemos, agora, a sexta vinheta.

Figura 2 – Cena 6



Fonte: WOOLF, V.; BELL, Q. 2013.

A imagem extraída do suplemento *Charleston* é intitulada “Scene 6”. O texto que acompanha a ilustração descreve um evento durante um casamento. A cena é dividida em duas partes. Na parte superior, há uma descrição escrita que afirma: “No dia do casamento, Lady Margaret avança pelo corredor, do qual a velha Sra. Fisher foi retirada por um responsável devido ao seu vestido de viúva, considerado um presságio ominoso para a noiva”. A escrita é feita à mão, novamente com a caligrafia infantil de Quentin Blake.

Abaixo do texto, há desenhos simples, feitos a lápis, que ilustram a cena descrita. Na primeira parte do desenho, podemos ver figuras esboçadas que representam pessoas caminhando pelo corredor de uma igreja. A figura de Lady Margaret é mostrada avançando pelo corredor. Ao mesmo tempo, outra figura, que representa a viúva Mrs. Fisher, está sendo conduzida para fora por um funcionário, devido ao seu vestido de viúva, que é considerado um mau presságio para a noiva.

Na segunda parte do desenho, a ilustração enfatiza a figura de Mrs. Fisher, pintada de preto. Esta figura é significativamente maior do que as outras, destacando-se de maneira imponente e ameaçadora. A cor preta e a forma exageradamente grande conferem à figura um aspecto horripilante e quase monstruoso. Ao lado dela, uma figura menor é mostrada pulando sobre ela, o que realça ainda mais a natureza abrupta e violenta da remoção. A desproporção entre Mrs. Fisher e as demais figuras, combinada com o uso da cor preta, sugere uma presença sinistra e perturbadora, acentuando o tom de humor e *nonsense* característico do suplemento *Charleston*. A disformidade dos personagens e a simplicidade do traço conferem um tom lúdico e surreal à cena, reforçando a atmosfera de *nonsense*.

A análise das cenas de “A Life of Vanessa Bell” revela a importância das ilustrações como elementos centrais na narrativa infantil, desempenhando múltiplos papéis que vão além do mero complemento ao texto. Embora a oitava cena se destaque pela divergência com o texto, as outras cenas, como a quarta e a sexta, exemplificam a construção de um iconotexto em que texto e imagem se complementam, criando uma narrativa lúdica e absurda, característica do estilo modernista, que desafia as expectativas do leitor e enriquece a experiência de leitura infantil.

5.3 ESTÉTICA MODERNISTA

“A life of Vanessa Bell” é um texto de Virginia Woolf que foi ditado a Quentin Bell. Por isso, a ele é atribuída a ortografia do suplemento. Essa ortografia chama a atenção do leitor logo no primeiro instante. Primeiramente, a ortografia de Bell é inconsistente e frequentemente desvia-se das normas padrão, como observado em palavras como “retentife”, em vez de “retentive”, e “proffessor” em vez de “professor”. Segundo a pesquisadora Rebecca Walkowitz (2006), tais desvios linguísticos são característicos da literatura modernista, que frequentemente abraçava a ruptura das convenções linguísticas para capturar a autenticidade e a espontaneidade da fala e do pensamento. Esse estilo ortográfico não convencional pode ser visto como uma tentativa de refletir a fragmentação e a complexidade da experiência moderna, uma preocupação central para autores modernistas.

Em segundo lugar, a pontuação no texto de Bell é notavelmente errática. A ausência de vírgulas e pontos em frases como “her ponie climb 365 steps in order to examin the condition of Prince Albert” e o

uso indiscriminado de apóstrofes em “Old nurse Lugton’ though violent was too late” criam um fluxo de leitura interrompido e desafiante. De acordo com as análises de Erich Auerbach (1953), essa característica reflete o interesse modernista em experimentar com a forma e a estrutura textual, promovendo uma leitura mais intuitiva e menos linear. Essa abordagem, similar às técnicas de fluxo de consciência utilizadas por escritores como a própria Virginia Woolf, pode caracterizar a simultaneidade do pensamento humano.

Além disso, a estrutura narrativa fragmentada de Woolf, que apresenta uma série de cenas desconexas, reflete a tendência modernista de fragmentar a narrativa para refletir a natureza descontínua e, muitas vezes, caótica da experiência humana. A fragmentação narrativa é um tema recorrente na literatura modernista, conforme argumenta David Trotter (2007), que enfatiza como a quebra de uma narrativa linear e coerente permite uma exploração mais profunda da subjetividade. Cada vinheta de “A life of Vanessa Bell” parece capturar um momento efêmero, contribuindo para uma compreensão mais complexa e multifacetada da personagem. Por exemplo, a vinheta na qual Vanessa confunde suas contas vermelhas com mingau, seguida de outra em que tenta escalar um arbusto espinhoso, ilustra essa abordagem fragmentada, destacando a não-linearidade típica das obras modernistas (Bradbury & McFarlane, 1978). Essa fragmentação pode ser associada ao conceito de “epifania”, em que pequenos momentos revelam grandes verdades sobre os personagens. Em *Dublinenses*, James Joyce utiliza epifanias para desvelar a vida interior de seus personagens. Analogamente, no texto de Bell, cada cena funciona como uma epifania, oferecendo particularidades sobre a vida de Vanessa Bell.

Ademais, a escolha por uma linguagem coloquial e idiomática, aproximada do *nonsense* vitoriano, como em “Lawkamussy how them turkey do roam”, enfatiza a oralidade e a autenticidade da fala. Segundo Mikhail Bakhtin (1981), a valorização da polifonia e do dialogismo na literatura permite que múltiplas vozes e perspectivas sejam ouvidas, quebrando as normas da linguagem escrita formal. Esse estilo dialoga com o desejo modernista de representar a realidade psicológica e social de maneira mais direta e verossímil, permitindo uma representação mais autêntica e inclusiva da experiência humana.

Outra característica modernista presente no texto é o uso de humor e ironia. As situações absurdas e cômicas, como Vanessa tentando escalar um arbusto por seis horas ou perdendo repetidamente seus óculos apenas para encontrá-los emaranhados em seu cabelo, subvertem as expectativas do leitor e criam um efeito lúdico. Essa ironia e humor refletem a tendência modernista de criticar ou questionar a realidade social e as normas culturais através de uma perspectiva humorística e satírica (Childs, 2008). O texto destaca, por exemplo, a cena na qual Vanessa confunde seu caminho até a lua de mel devido ao comportamento de seu motorista, um “hipócrita sorrateiro”, mostrando como eventos mundanos podem se tornar cômicos e surreais. Nesse contexto, a influência do *nonsense* de Edward Lear e Lewis Carroll é evidente. Tanto Lear quanto Carroll são conhecidos por suas narrativas ilógicas e personagens peculiares que desafiam a lógica convencional, criando um universo em que o absurdo reina (Rocha, 2023).

A exploração psicológica também é uma característica central do Modernismo presente no texto. A atenção aos detalhes das ações e reações de Vanessa, como sua confusão ao perder os óculos e sua

determinação ao subir o arbusto, revela aspectos de sua personalidade de maneira indireta. Essa exploração da subjetividade e das experiências individuais dos personagens é típica dos escritores modernistas, como Virginia Woolf, que frequentemente focavam nos estados mentais de seus personagens para explorar a complexidade da psique humana (Bell, 2010). Woolf, em particular, era conhecida por suas técnicas de fluxo de consciência, que permitem ao leitor acessar os pensamentos e sentimentos internos dos personagens de maneira direta e imediata.

Além disso, a inovação estilística do texto é evidente nas descrições vívidas e detalhadas e na inclusão de elementos aparentemente triviais que criam uma sensação de vivacidade e imediatismo. As cenas são descritas de maneira exagerada, como quando Vanessa precisa ser resgatada de um arbusto espinhoso ou quando um motorista perde o caminho durante o casamento, sublinhando a comicidade e a estranheza das situações. Essa inovação estilística é uma marca registrada do Modernismo, que buscava novas maneiras de representar a realidade e as experiências humanas (Levenson, 1999). O uso de linguagem experimental e formas narrativas não convencionais reflete o desejo dos modernistas de capturar a essência da vida moderna e suas complexidades.

Isso posto, pode-se dizer que “A Life of Vanessa Bell” exemplifica características centrais do modernismo por meio de sua ortografia inconsistente, pontuação errática, fragmentação narrativa e uso de humor e ironia. Essas técnicas estilísticas refletem uma tentativa deliberada de capturar a autenticidade da fala e do pensamento, além de explorar a subjetividade e a complexidade da experiência humana. A linguagem coloquial e idiomática, bem como a valorização da polifonia e do dialogismo, subvertem as convenções tradicionais e criam uma narrativa rica em significados e nuances. Ao integrar elementos do *nonsense* vitoriano e inovar na representação da realidade, Woolf e Bell desafiam as expectativas do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto nos mostrou, por meio de uma discussão sobre o suplemento *Charleston*, que a relação entre modernismo e literatura infantil é marcada por uma inovação estilística e uma abordagem que busca romper com as convenções tradicionais da narrativa. O modernismo, com seu foco na fragmentação, subjetividade e uso experimental da linguagem, permitiu que histórias como “A life of Mrs. Bell” adquirissem uma profundidade estética. Pode-se dizer que, por meio dela, Woolf e Bell exploraram técnicas para criar uma narrativa que não apenas entretém, mas também desafia e estimula intelectualmente seus leitores, tornando a leitura uma experiência rica e complexa.

No *Charleston Bulletin* e, mais especificamente, em “A life of Mrs. Bell”, Virginia Woolf e Quentin Bell incorporam elementos visuais e textuais, criando uma interação dinâmica entre ilustrações e texto. Essa colaboração resultou em um iconotexto no qual as imagens de Bell complementam e expandem a narrativa de Woolf, proporcionando uma experiência de leitura mais envolvente. As vinhetas fragmentadas e as descrições vívidas criam um mosaico de eventos e emoções, que refletem a não-linearidade característica do modernismo. Esse método de integração visual e textual não apenas enriquece a narrativa, mas também serve como uma ferramenta poderosa para atrair e manter a atenção dos leitores.

Para pesquisas futuras, é essencial continuar explorando as interseções entre modernismo e literatura infantil, examinando como outros autores e artistas modernistas contribuíram para esse campo. Estudos poderiam focar em como essas técnicas narrativas e visuais influenciam o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, além de investigar a recepção dessas obras ao longo do tempo. Compreender a evolução e o impacto do modernismo na literatura infantil pode oferecer perspectivas valiosas sobre a forma como as crianças interagem com a arte e a narrativa, promovendo uma educação literária mais abrangente e enriquecedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIZPE, E.; STYLES, M. *Children Reading Pictures: Interpreting Visual Texts*. 2. ed. London: Routledge, 2003.
- AUERBACH, E. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1953.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- BELL, M. *The Cambridge Companion to European Modernism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BRADBURY, M.; MCFARLANE, J. *Modernism: A Guide to European Literature 1890-1930*. London: Penguin Books, 1978.
- CHILDS, P. *Modernism*. 3. ed. London: Routledge, 2008.
- DUSINBERRE, J. *Alice to the Lighthouse: Children's Books and Radical Experiments in Art*. Londres: Macmillan, 1987.
- KIEFER, B. *The Potential of Picture Books: From Visual Literacy to Aesthetic Understanding*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1995.
- LEVENSON, M. *A Genealogy of Modernism: A Study of English Literary Doctrine 1908-1922*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- LEWIS, D. *Reading Contemporary Picturebooks: Picturing Text*. London: Routledge, 2021.
- NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *How Picturebooks Work*. New York: Routledge, 2006.
- NODELMAN, P. *Words About Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books*. Athens: University of Georgia Press, 1988.
- REYNOLDS, K. *Radical Children's Literature: Future Visions and Aesthetic Transformations in Juvenile Fiction*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.
- ROCHA, G. M. *Literatura infantil e modernismo literário: palimpsestos e representações da consciência ficcional em textos de mulheres*. 2022. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.
- SIPE, L. R. How Picture Books Work: A Semiotically Framed Theory of Text-Picture Relationships. *Children's Literature in Education*, v. 29, n. 2, p. 97-108, 1998.
- SMITH, V. F. *Between Generations: Collaborative Authorship in the Charleston Bulletin Supplements*.
- TROTTER, D. *The Modernist Novel*. New York: Oxford University Press, 2007.
- WALKOWITZ, R. *Cosmopolitan Style: Modernism Beyond the Nation*. New York: Columbia University Press, 2006.
- WESTMAN, K.
- WOOLF, V.; BELL, Q. *The Charleston Bulletin Supplements*. Londres: The Charleston Trust, 2013